Professor Honoris Causa, Aílton Krenak.

Marcos Vinício Chein Feres

Aníbal Quijano nos alerta de que devemos nos libertar do espelho eurocêntrico no qual nossa imagem resta sempre distorcida. É tempo de deixar de ser o que não somos, aconselha Quijano. Daí vem a minha pergunta essencial para o dia de hoje: Quem somos nós?

Somos seres (acadêmicos e cidadãos) que rejeitam sua ancestralidade, que ignoram a colonialidade do saber, que desconhecem o processo de dizimação dos povos indígenas na América Latina. E, assim, travestimo-nos de europeus para termos acesso a uma cultura a qual não nos reconhece. Passamos e repassamos, repetimos e reproduzimos conceitos europeus aos estudantes latino-americanos tentando arduamente nos aculturarmos nesse processo do qual somos apenas peões. Negligenciamos nossa raiz, nossa ancestralidade e nossa ciência ameríndia. Apropriamo-nos de nossos recursos, de nossa natureza e de nosso tradicional e, sem o menor pudor, realizamos uma transposição cruel desse conhecimento para a normatividade eurocêntrica de uma ciência laica, iluminista e dominadora.

No afã de nos aliarmos com a colonialidade do poder, agimos a partir da lógica que nos revela Aníbal Quijano: a classificação e reclassificação dos povos a partir da matriz europeia, um aparato institucional para articular tais classificações (Estado, igreja e universidade), espaços adequados para esses objetivos e uma perspectiva epistemológica para articular o sentido e o perfil da matriz de poder européia. O conhecimento científico é reduzido ao que é produzido apenas em espaços determinados e em instituições específicas, sendo uma delas a própria universidade. Nesse sentido, fomos e somos colonizados e sociologizados a ver o indígena como aquele que não produz conhecimento científico porque seu saber resvala e escapa da matriz eurocêntrica. Será que devemos considerar ciência apenas aquilo que nos é contado e relatado pela

epistemologia européia? Que exemplos desejamos dar a novas gerações de respeito à diversidade se a todo momento ignoramos nossos povos ancestrais e nossa própria cultura ameríndia?

A universidade ainda se alinha com o que há de mais conservador e colonial em termos de produção do conhecimento, negligenciando a cultura e o saber populares, o conhecimento tradicional dos povos indígenas. E, assim, vai se apropriando disso tudo e transmutando-os naquilo que é aceito como parte de uma estrutura de poder colonial e de uma cultura eurocêntrica. É preciso superar esse paradigma do colonialismo. Já se passaram tantos anos e ainda nos aferramos a um padrão que não nos representa como povo e como intelectuais latino-americanos.

Nesse momento, porque Krenak recebe hoje o título de PROFESSOR HONORIS CAUSA, gostaria lembrar de Eunice Paiva, que, embora diante das dores e tristezas de uma perseguição implacável na ditadura militar, se dedicou, a sua maneira, à luta pela demarcação das terras indígenas e pelos direitos indígenas. Marcelo Rubens Paiva, em seu mais recente livro, ao relatar as venturas e desventuras de Dra. Eunice Paiva na luta pelos direitos dos índios, revela uma relação de proximidade: “Um dia cheguei na casa dela, tinha na sala um Krenak, Aílton de quem ficou muito amiga”. Aílton já era, no início dos anos oitenta, líder de um movimento que nasce à margem e repudiado por tantos nacionais e por um governo violento e ditatorial. Aílton lutou e luta contra preconceitos, contra estereótipos criados na base de uma cultura de colonialidade do poder e do eurocentrismo. Aílton não desistiu, assim como tantos outros. Hoje ele está aqui não para receber apenas um reconhecimento por sua luta, mas para nos ensinar, para compartilhar seus saberes tradicionais, para fazer parte de nossa universidade e para nos lembrar de quem realmente somos e a quem pertence a universidade.

Gostaria de encerrar lembrando de que há tanto a ser aprendido sobre a nossa cultura ameríndia e, de algum modo, tardamos em nos redimir dos erros de nossos antepassados. Erros que, de há muito, foram cantados em poesia como a de Oswald de Andrade:
"Quando o português chegou / Debaixo de uma bruta chuva / Vestiu o índio / Que pena! Fosse uma manhã de sol / O índio tinha despido / O português."

Que a nossa universidade seja o início de uma longa manhã de sol para que o índio possa, enfim, nos despir de nossos preconceitos, de nossa colonização e, sobretudo, de nossa arrogância intelectual.

Obrigado, Professor Honoris Causa Aílton Krenak!